

## Nota editorial

Chega ao público o número 16.1 da revista *Metamorfoses*. Mais uma vez cumpre-se o propósito inicial da revista: divulgar os estudos críticos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se dedicam à pesquisa das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Africanas de Língua Portuguesa, cumprindo também, desta forma, os objetivos da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros.

Este número contempla, em sua primeira seção, uma justa homenagem. O ano de 2019 foi particularmente fértil em celebrações. Foi o ano de centenário de um grande escritor português, que muito justamente merece as nossas homenagens, a que se somam os centenários Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen. Trata-se de Fernando Gonçalves Namora, nascido em Condeixa-a-Nova, em 15 de abril de 1919 e falecido em Lisboa, em 31 de janeiro de 1989. Médico e escritor, Namora é dono de vasta e significativa obra, lida e celebrada pela crítica. Começa a publicar ainda na década de 30 (*Relevos*, de 1937, poesia), sob influência do ideário da revista *Presença*. No ano seguinte (1938), o público recebe seu primeiro romance, *As Sete Partidas do Mundo*, merecedor do Prêmio Almeida Garrett. Era estudante quando, em companhia de colegas da mesma geração, publica a revista *Altitude*, praticamente ao mesmo tempo em que se envolve num projeto poético – o projeto do *Novo Cancioneiro* (coleção constituída de 10 volumes, datada de 1941), fundamental para a consolidação do Neorrealismo, movimento responsável por uma grande transformação na literatura portuguesa moderna. Seguindo a mesma proposta estética, participa da coleção *Novos prosadores* (1943), em companhia de outros escritores de radical importância para a literatura portuguesa do século XX – Vergílio Ferreira e Carlos de Oliveira, entre outros. Por mais de cinco décadas, Fernando Namora se dedicou tanto à poesia quanto à narrativa em que sobrepõem aspectos sociais ou



existenciais. Hoje, poucos se debruçam sobre sua obra. É, portanto, mais que justo homenageá-lo, no ano em que se comemora o seu centenário, com os trabalhos de incontestável qualidade que ora publicamos neste número da revista *Metamorfozes*, cuja organização coube a Monica do Nascimento Figueiredo, Ana Carla Lourenço Ferri e Michele Dull Sampaio Beraldo Matter, que assinam também o texto de apresentação.

Logo à primeira seção lê-se o *Depoimento* da Casa-Museu Fernando Namora, instalada na casa onde nasceu e viveu o escritor até os dez anos de idade. Descreve-se aí não apenas a distribuição dos cômodos dessa “casa de memória”, mas sobretudo o que eles contêm: o acervo do escritor, sua oficina de trabalho, onde se encontram “manuscritos, apontamentos originais, provas tipográficas, livros publicados e anotados para futuras edições”, entre outros documentos. Na sequência, o *Dossiê* Fernando Namora nos apresenta ensaios de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, especialistas na obra do grande escritor que Namora foi. Na seção *Entrevista*, o objeto da discussão é o Realismo, o Novo Humanismo e o Neorrealismo. Ainda na esteira dos humanismos, a seção seguinte se intitula *Do romance regionalista brasileiro ao pós-neorrealismo*, tematizando e discutindo questões relacionadas a memória, herança e subversão, tendo como exercício de análise e crítica textos de Carlos de Oliveira, José Cardoso Pires, José Lins do Rego, Soeiro Gomes, Dalcídio Jurandir e Guimarães Rosa, entre outros. Não falta espaço para as resenhas e críticas, em *Ler e depois*, em que se abordam textos publicados nos dois últimos anos. Neste caso se incluem obras publicadas por Mário Cláudio – *Treze Cartas e Três Bilhetes de Rachel Cohen* e Elisa Nunes Esteves e João Tiago Lima, que organizam a *Correspondência – Maria Lúcia Dal Farra e Vergílio Ferreira*.

Como pode constatar-se, este volume da *Metamorfozes*, inspirado na vocação humanista de Fernando Namora e no seu centenário de nascimento, desdobra-se na leitura de textos de grandes escritores que também foram grandes no seu humanismo e nos legaram grandes obras que esperam novas leituras. Agradecemos a todos os colaboradores, brasileiros e estrangeiros, que contribuíram para que levássemos a bom termo o nosso trabalho. Apostamos no sucesso deste número e convidamos os leitores à boa leitura e à necessária crítica. Se assim for, a revista *Metamorfozes* terá cumprido o seu propósito.

Luci Ruas